

O MESTRE: COMENTÁRIOS SOBRE A LÓGICA GRAMATICAL DE SANTO AGOSTINHO

Prof. Rodrigo Antonio Chaves da Silva

Dos vários livros escritos pelo santo, também filósofo, um deles, “O mestre”, é de primordial envergadura e fundamental leitura. É um livro no qual ele inicia como estudo analítico gramatical, fechando-o louvando ao Mestre dos mestres que é o Cristo, o Senhor da sabedoria, da ordem gramatical.

É uma obra que faz observações importantes sobre a lógica gramatical. Um livro de gramática. Todavia, como toda a lógica começa com o bom uso da linguagem, ele a enceta fazendo uma análise das palavras para depois chegar à ordem suprema que seria o ordenador da própria estrutura gramatical humana que é o Verbo Eterno.

O livro no estilo platônico – pois Agostinho era desta linha -, indica claramente a forma de diálogo com seu filho **Deodato** (porque Agostinho era pai solteiro, não se conhece o nome da mulher que tivera seu filho).

Perguntando ao seu filho, como se poderia aprender, este dissera que seria pelo modo de perguntas, todavia, o modo melhor para se transmitir o ensinamento seria a linguagem, esclarece Agostinho, indo além da mera técnica de perguntas.

Se eu falo, escrevo, me comunico numa ordem, é porque o Pai desta ordem é um tipo de Lógica Suprema, por isso ele é o Verbo, ou seja, a PALAVRA, o que criou e estruturou toda as ordens mínimas e mecânicas da linguagem (gramma), fez a ordem univérsica (cosmos), e criou todas as coisas.

Veja que há modos de se transmitir e linguagem de acordo com a lógica suprema que seriam:

- a) Palavras
- b) Signos
- c) Nomes
- d) Significados
- e) Uso adequado dos termos

Esta ordem lógica, ao final Agostinho coloca como útil ao ensino, e como se fora criada pelo mestre dos mestres, o Verbo Eterno, isto é, o Cristo: realmente, se a linguagem verdadeira que aduz à verdade existe, ela deve seguir um padrão que é feita de acordo com a própria verdade, ou o criador da norma, no caso, Deus.

O fim da linguagem lógica e da gramática é a verdade, e Deus é a verdade. Lembremo-nos das palavras do Mestre: “eu sou o caminho, a verdade...” não há outro caminho lógico que não chegar-se à verdade e a Deus.

O ensino da linguagem, ou o aprendizado, acontece pela capacidade que temos de usar as palavras, e de lembrar o que elas significam.

A palavra é um signo, ou melhor a expressão de um sinal, portanto, significando alguma coisa.

A palavra “se” por exemplo pode significar muitas coisas, inclusive a expressão das palavras que balbuciamos com os lábios, por isso que do latim o “se” que se

transforma em “si”, gerou o termo “sílaba” que significa “aquilo que se expressa dos lábios”, e se escrevem nas diversas formas: o da-de-di-do-du, o pa-pe-pi-po-pu, o ba-be-bi-bo-bu, etc. Foi desta forma que tivemos toda a pedagogia estruturada, hoje utilizada largamente nos diversos graus de ensino, especialmente primário.

A discussão do mestre começa aludindo às questões de palavras e sinais. Todas as palavras são sinais, mas nem todas as palavras são nomes. Como por exemplo, o termo “verbo” é um nome, mas “verbalizar” não é um nome. Mesmo assim, todas as palavras significam algo, desde a mera preposição, até mesmo uma sílaba pequena. Por quê? Porque assim o Verbo Eterno determinou.

Mas a forma que Agostinho trata a palavra é impressionante, ele diz que todas as palavras são sinais, e estes indicam alguma coisa (II, 3). Só uma palavra tem uma expressão incerta “*nihil*” (nada), ela seria o mesmo que exprimir nada. Porém, para o mestre o “nada” é alguma coisa, pois, a tentativa de tentar expressar algo que não existe já é alguma coisa. Mas em termos práticos não existe o nada no modo real, e a intenção de exprimi-lo contrapõe ao niilismo, que hoje tão bem é utilizado pelos materialistas ateus que pouco conhecem da essência dos termos, e da verdade (senão não seriam ateus).

Os gestos são sinais. Por isso os mudos e surdos conseguem aprender por meio de sinais. No entanto, o mero sinal sem lógica, ou melhor dizendo sem o verdadeiro significado não pode ser traduzido como verdadeiro. Daí ele aduz a este o termo **pantomima**, isto é, uma apresentação de sinais sem substância, ou expressões que não significam nada.

Se as palavras são sinais, porque tentam relacionar com as coisas, estes sinais possuem significados, assim sendo, o que significa a expressão. O termo significado vem de signo. E gera o termo “sinônimo”, como a regra impessoal da sinalização afirmativa de uma palavra. Se o sentido é igual é sinônimo. Quando dizemos que “contador” é igual a “contabilista” temos um sinônimo. Ou chamamos o pardal de pássaro, o homem de ser racional, as estrelas de astros, a lua de satélite, e assim por diante. Mesmo a pouca diferença alude a distinção. Contador e contabilista são profissionais da Contabilidade, mas a pequena distinção favorece à especialização e extensão do termo num, e a função contábil profissional de outro. Mas a distinção é própria dos que entendem as palavras, ou seja, dos que não geram misturas graves de raciocínio.

Aqueles que mentem como dizia o santo, são os que obscurecem as palavras, tentando dar ao sinal coisas que não significam. Um exemplo, seria confundir impedimento político com golpe, ou chamar de fascista o mero indivíduo que discorde de uma ideia, ou de apelidar de salvador da pátria um bandido, ou pensar que corrupto é santo, ou pensar que a palavra “denegrir” é racista; inclusive conceituar alguém de uma forma que ele é, como se fosse preconceituosa. Até mesmo as acusações levianas de meros gestos são confusões. Por isso dele vem a frase que perdurar no erro é satânico, pois, Agostinho sabia muito bem que utilizar as palavras para acusar e mentir, eram ações naturais do inimigo de Cristo, já que é inimigo da verdade, deveria ser inimigo da lógica, portanto, sua ação era a de mentir.

Os nomes não são conjunções, os nomes são palavras que significam pessoas, ou coisas, mas enquanto falamos “animal” e não dizemos “animalesco” não estamos confundindo um predicado com o substantivo. Um animal é signo de um ente animal, um animalesco é uma atribuição, que se dá a alguém que possa não ser animal irracional, pode ser um costume, um critério, uma atitude. Pode até ser adjetivo, isto é, dar jeito a alguma coisa, ou predicativo, isto é, algo que se confere a alguma coisa.

Os nomes são palavras que dão a conhecer as coisas, assim Rodrigo, Antonio, Verbo, noção, casa, telha, são nomes, pois, são expressões de substâncias, de algo que existe, ou coisas vivas, ou simples coisas, todavia, quando dizemos conhecer, estudar, casar, aprender, proteger, como segundas palavras que se produzem no espírito, não estamos fazendo nomes, mas colocando ações.

Ele usa muito o termo “verbo”, porque “o verbo” é indicativo da divindade, do ser, por isso o verbo “ser” e “estar” é mais importante, você não tem como falar ou entender uma língua sem apontar o que é, onde está, e que será algo.

O verbo para Agostinho é sinal de afirmação, pois, se há algo, o ser existe, se temos ser, então o “é” e “estar” prevalece, logo, sempre haverá como sinal de “sim” e portanto, gerará “virtude” ou “força” a expressão sobre o ser; ninguém conseguirá observar algo, sem a expressão correta, ou sem proceder a uma força real da palavra, da existência.

O contrário do ser é o nada. Porém não existe o nada, Agostinho falava que o nada não tinha significação (VII, 19) embora tente expressar algo. As palavras são sinais, possuem significados, e devem ser interrogados os nomes e os termos, e não podem expressar conceitos vazios. O defeito de raciocínio que se usa gestos sem realidade na gramática, foi definido como **pantomima**.

A palavra, a linguagem, a expressão idiomática, sempre vai se referir às coisas, ou a algo importante, um ente, algo que existe, jamais serão condições para expressarem o nada, ou a inexistência.

Se algo existe, há palavra, se não existe não temos expressão. O nada é a única palavra que existe para tentar exprimir a não existência, todavia, como ontologia, não há a não existência, pois, se a palavra existe e expressa uma existência, como ela poderia existir para tentar exprimir uma não existência? É uma regra lógica (que Santo Anselmo explica de modo contundente).

Daqui em diante a pantomima foi classificada como barbarismo, como defeito lógico, e até como sofisma, pois, seria a artimanha dos mentirosos usar uma coisa que pareça ser e não é, ou se troque as definições, ou use acusações falsas, ou mesmo se faça sinais, sem a correta correspondência do fato, recurso muito usado nas ideologias pelos vícios de raciocínio, ora pelo satanismo mental que é muito frequente.

Não conhecer a coisa, o nome, o significado, e um termo, é o que gerou o termo vício, e a alusão à mentira, ou seja, fez vir a palavra que é contrária à virtude, e contrária ao verbo que alude ao ser; e sendo a mentira vinda do termo *mens*, é o mesmo que pensar sem racionalidade.

A gramática de Santo Agostinho, que organizou a linguagem lógica e das línguas, foi inspirada no Verbo Eterno, no ensino do mestre, produzindo os seguintes elementos de seu estudo:

- a) Estudo silábico
- b) Análise das palavras
- c) Estudo das palavras
- d) Análise das frases
- e) Estudo dos significados
- f) Estudo da interpretação
- g) Estudo da proposição
- h) Estudo dos erros

i) Estudo dos textos e livros

Esta divisão que existe nas técnicas muito utilizadas hoje como a silábica, a análise sintática, a análise semântica, estudo da paráfrase, estudo de proposição, verbo, concordância, predicado, enunciado, formas da língua, proposição, afirmação, negação, o estudo dos paralogismos, dos barbarismos, estilos literários, entre outros, teve como base querendo ou não, a obra do santo de Hipona.

Nem tudo o que cremos entendemos, mas a utilidade das palavras não é pequena, sendo o único que poderia nos ensinar é o Mestre dos mestres, Senhor dos senhores: o Cristo; Agostinho é peremptório, amá-Lo é sinal de vida feliz, por isso O amarei mais e vou progredir nos estudos gramaticais, assim parafraseamos as citações últimas do trabalho máximo sobre a gramática, do Santo que representa o auge da patrística e o início da escolástica, o grande Santo Agostinho.